T&C
TEORIA E CULTURA

Teoria e Cultura | Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF | ISSN: 2318-101x | v. 21, n. 1, 2026| p. 338-360
DOI: 10.34019/2318-101X.2026.v21.52702

Preservando a efemeridade: os artefatos etnográficos das escolas de samba

Preserving Ephemerality: the ethnographic artifacts of samba schools

Preservando la efimeridad: los artefactos etnográficos de las escuelas de samba

Carlos Antonio Nascimento de Souza [1]

Resumo

O presente artigo, que aprofunda os resultados apresentados em minha dissertação de mestrado, discute os documentos produzidos pelas escolas de samba do Rio de Janeiro para os desfiles de carnaval a partir de uma etnografia do desfile de carnaval do ano de 2025 da Portela, uma das principais agremiações do carnaval carioca, em homenagem ao cantor e compositor Milton Nascimento. Essenciais para a avaliação do concurso carnavalesco, os documentos, vistos aqui como artefatos etnográficos, apresentam tanto as informações técnicas de uma agremiação como a pesquisa histórica e bibliográfica para o desenvolvimento da narrativa de um enredo de carnaval. Observou-se que documentos produzidos pelas escolas de samba possuem funções tanto nos desfiles de carnaval como para além deles. Traduzindo-se como documentos que trazem informações sobre o seu contexto de produção e de circulação, os artefatos carnavalescos buscam preservar a efemeridade intrínseca ao espetáculo das escolas de samba. Por fim, o trabalho reflete a potencialidade desses artefatos como objetos de estudo.

Palavras-chave: Carnaval; Documentos; Efemeridade; Portela; Artefato etnográfico.

[1] Mestre e doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado (Ludens). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Abstract

This article, which expands upon the findings presented in my master's thesis, examines the documents produced by Rio de Janeiro's samba schools for their carnival parades, drawing on an ethnography of Portela's 2025 parade—one of the leading samba schools in Rio—created in tribute to the singer and composer Milton Nascimento. Essential to the evaluation of the carnival competition, these documents, understood here as ethnographic artifacts, contain both the technical specifications of a samba school and the historical and bibliographic research that informs the development of a parade's narrative theme. The study observes that the documents produced by samba schools serve functions both within and beyond the carnival parades themselves. As artifacts that convey information about their contexts of production and circulation, these materials seek to preserve the intrinsic ephemerality of the samba-school spectacle. Finally, the article reflects on the potential of these artifacts as objects of scholarly inquiry.

Keywords: Carnaval; Documents; Ephemerality; Portela; Ethnographic artifacts

Resumen

Este artículo, que profundiza en los resultados presentados en mi tesis de maestría, analiza los documentos producidos por las escuelas de samba de Río de Janeiro para los desfiles de carnaval a partir de una etnografía del desfile de carnaval del año 2025 de Portela, una de las principales agrupaciones del carnaval carioca, en homenaje al cantante y compositor Milton Nascimento. Esenciales para la evaluación del concurso carnavalesco, los documentos, vistos aquí como artefactos etnográficos, presentan tanto la información técnica de una agrupación como la investigación histórica y bibliográfica para el desarrollo de la narrativa de un argumento de carnaval. Se observó que los documentos producidos por las escuelas de samba cumplen funciones tanto en los desfiles de carnaval como más allá de ellos. Al traducirse como documentos que aportan información sobre su contexto de producción y circulación, los artefactos carnavalescos buscan preservar la efimeridad intrínseca al espectáculo de las escuelas de samba. Por último, el trabajo reflexiona sobre la potencialidad de estos artefactos como objetos de estudio.

Palabras clave: Carnaval; Documentos; Efimeridad; Portela; Artefacto etnográfico.

1. Introdução

Os desfiles das escolas de samba ocupam, desde a década de 1930, o calendário do Rio de Janeiro. Anualmente, durante as noites de verão, o Sambódromo da Marquês de Sapucaí é o palco para a produção, desenvolvimento e apresentação de narrativas negras. Através da sinestesia entre visão e audição, alegorias, fantasias e sambas-enredo comunicam histórias desconhecidas da sociedade, manifestam demandas sociais e alçam indivíduos ao posto de heróis e heroínas do Brasil. Com uma natureza espetacular (Cavalcanti, 2002), as agremiações se transformam em referências nacionais e internacionais no mundo das artes, cultura, educação e da política.

Para ganhar a pista, as narrativas e histórias desfiladas são produzidas a partir daquele que é o elemento central de uma escola de samba: o enredo de carnaval. Sendo o primeiro passo na construção de um desfile, o enredo é o ponto de partida para o desafio de colocar uma escola de samba na avenida (Magalhães, 1997) e deve ser desenvolvido tanto através de uma pesquisa dentro do campo temático, quanto de um ajuste às características e identidade da agremiação (Filho e Araújo, 2023) em cada uma das categorias observadas por Farias (2007): histórico, literário, folclórico, homenagem/biográfico, metalinguístico, geográfico, compromisso e crítica social, humor, abstrato/conceitual, objeto, esportivo, infantil, afro-brasileiro, indígena e de patrocínio.

Abertos à performatividade e teatralidade desde a década de 1960 (Simões, 2019), o que resta de um desfile carnavalesco após a passagem pelos arcos da Apoteose, local que delimita o seu término, são apenas resquícios e registros (Bora, 2023). Alegorias são desmontadas e os materiais das fantasias são reaproveitados em uma vida social que fomenta relações entre indivíduos (Bártolo, 2021). Tendo a efemeridade como uma das suas principais marcas, o assombro holístico vivenciado pelos desfilantes de uma agremiação e pelo público que assiste das arquibancadas (Mangabeira, 2023) é momentâneo durante o fluxo linear da evolução do cortejo (Cavalcanti, 2012). Assim, se a performance é delimitada a um tempo presente que não se repetirá (Phelan, 1993), como preservar e transmitir toda a sabedoria apresentada por um desfile de escola de samba carregada de memória e ancestralidade popular?

O presente trabalho tem como objetivo analisar os documentos produzidos por uma escola de samba durante a construção de um desfile de carnaval como possíveis caminhos para a preservação e transmissão de conhecimento bem como um registro histórico da memória da sociedade do contexto em que foram produzidos. Ao longo do ciclo carnavalesco, dois documentos são essenciais para que uma agremiação ganhe a Passarela do Samba: a sinopse do enredo e o livro Abre-Alas. No primeiro, apresentado meses antes do desfile, o enredo é descrito em tópicos que apresentam a temática ao mundo do carnaval e que servem como base para a composição do samba-enredo. Já o segundo é um livro que apresenta todas as informações contidas num desfile carnavalesco e que é utilizado para o julgamento do concurso. Ambos, sinopse e livro Abre-Alas, serão explorados aqui, essencialmente, a partir do desfile de 2025 da escola de samba Portela.

Nesse carnaval, a Portela propôs homenagear o cantor e compositor Milton Nascimento com o enredo "Cantar será buscar o caminho que vai dar no Sol". Nele, o conceito narrativo dos carnavalescos Antonio Gonzaga e André Rodrigues foi inverter o

sentido da música "Nos Bailes da Vida". Se na letra composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, lançada em 1981 no álbum Caçador de Mim, "todo artista tem de ir aonde o povo está", a Portela propõe que o povo vá ao encontro do artista para que ele seja reverenciado. Assim, o homenageado do enredo, tratado como um "sol" e "a voz de Deus", aguarda em seu trono a chegada de fãs, portelenses e admiradores de sua obra que partiram em procissão de Oswaldo Cruz e Madureira, bairros do subúrbio carioca em que a escola de samba está sediada, para celebrar e agradecer toda a sua contribuição à cultura brasileira.

Tal carnaval foi objeto da minha dissertação, em que etnografei a disputa de samba-enredo da Portela e concebi o concurso musical como um processo ritual perpassado por conflitos e tensões (Souza, 2026). Sendo o presente artigo um dos desdobramentos desse trabalho, que compreendeu um período de observação multissituada – na quadra da agremiação, na Sapucaí e nos espaços digitais do carnaval – do lançamento do enredo ao pós-desfile, os documentos analisados aqui são assumidos como artefatos etnográficos. Isso porque a sinopse e o livro Abre-Alas, por sua centralidade no ecossistema de produção e no desenrolar do rito carnavalesco, também se tornam fundamentais ao trabalho de campo antropológico para uma pesquisa no universo das escolas de samba.

Como aponta Riles (2006), documentos são artefatos paradigmáticos das práticas de conhecimento moderno que se constituem simultaneamente como objeto etnográfico, categoria analítica e orientação metodológica. É nesse sentido que este trabalho se caracteriza como uma etnografia da documentação que, na tipologia proposta por Freire (2022) sobre os modos de abordar os documentos na antropologia, corresponde às pesquisas em que a prática de documentação é, ao mesmo tempo, objeto e material de investigação. Como refletem Ferreira e Lowenkron (2020, p. 23), ao se atentar para a materialidade dos documentos, é possível observar tanto o seu papel de controlar e coordenar procedimentos administrativos, quanto suas ações na construção de subjetividades, pessoas, afetos e relações. Assim, tratar os documentos carnavalescos como artefatos etnográficos permite mobilizá-los não apenas como registros passivos do concurso de desfiles, mas como objetos que condensam e estabilizam relações de poder, circuitos de saber e tensões constitutivas do universo das escolas de samba.

2. O enredo de carnaval

O enredo de uma escola de samba é o primeiro passo na construção de um carnaval. Atuando como o condutor de todo o rito carnavalesco (Cavalcanti, 2002), atinge todos os aspectos da vida social da escola de samba. Tal como um fato social total de Marcel Mauss (2017), fenômeno ao mesmo tempo jurídico, econômico, religioso e até mesmo estético que põe em movimento a totalidade da sociedade e das suas instituições, o enredo guia não somente os processos efetivos de construção de um carnaval, como a confecção de alegorias e fantasias e a escrita do samba-enredo, mas também os aspectos financeiros, como os patrocínios de empresas e de governos, a comunicação visual nas mídias e a decoração das quadras das agremiações. Sua escolha se dá em um processo perpassado por negociações constantes e tensões entre diversos indivíduos que compõem o corpo da escola de samba (Mangabeira; Marques, 2024), já que ora envolve somente a responsabilidade do carnavalesco, ora a sugestão ou imposição da diretoria (Farias, 2007):

> A escolha inicial deste tema nem sempre é definida sem tensões. Alvo de escolhas que abrangem aportes políticos e financeiros

> dentro das Escolas de Samba, a temática, idealmente, deveria se casar com a tradição da Escola, com suas características construídas ao longo dos anos, refletindo as identidades e comunidades conhecidas de cada agremiação no mundo carnavalesco. Contudo, quando se chega à definição do tema do enredo, as tensões e dinâmicas entre equipe criativa, capitaneada pelo carnavalesco, e a equipe administrativa entram, não poucas vezes, em negociações constantes até a escolha ser efetivada. Fruto dessas negociações, o tema inicial começa a ser recortado, remodelado, adequando-se às intenções do desfile daquele ano e, ainda, se possível, às tradições da Escola de Samba em questão. (Mangabeira; Marques, 2024 pg. 40)

No Carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro, o enredo faz parte do quadro de quesitos do julgamento que define a agremiação campeã desde a invenção da competição entre as escolas na década de 1930 (Cabral, 2011). Atualmente, tal como os outros oito quesitos colocados em julgamento pela liga organizadora dos desfiles do Grupo Especial, as notas de enredo podem variar entre 9 e 10[2]. O manual do julgador da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA) determina que o quesito Enredo seja julgado, entre outras características, a partir da "clareza, coerência e coesão (unidade lógica) na roteirização do Desfile, de modo a facilitar o entendimento do tema ou argumento proposto no desenvolvimento teórico" e da "apresentação sequencial das diversas partes (alas, alegorias, fantasias, tripés etc.) que irá possibilitar o entendimento do tema ou argumento proposto, de acordo com o roteiro previamente fornecido pela Escola" (LIESA, 2025, p. 57).

Se ao longo das décadas a tensão estruturante dos desfiles se deu entre "visual" e "samba" devido a primazia do visual já explorada por Cavalcanti (2006), nos últimos anos o segundo eixo, o samba, foi substituído pelo enredo. Por exigência da própria pista de desfiles, que passou a premiar desfiles com discursos e narrativas contundentes em detrimento da mera experiência de contemplação estética (Bruno, 2019), o enredo se tornou um elemento central para o sucesso de uma agremiação na Quarta-Feira de Cinzas.

Dessa forma, esse quesito produziu a ascensão de novos profissionais nas agremiações: os enredistas, espécie de braço direito do carnavalesco (Mangabeira; Marques, 2024) responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa e defesa discursiva do enredo (Lemos; Couto; Till, 2025). Antropóloga e enredista, Stephanye Paz (2025, p. 21) aponta que é um trabalho intelectual complexo que "inclui extensa investigação bibliográfica, visitas técnicas a museus e pesquisas de campo relacionadas ao tema escolhido pela escola":

> A função de pesquisadora de enredo, embora fundamental na estrutura das agremiações carnavalescas contemporâneas, permanece relativamente invisível tanto para o público quanto para a academia. Este profissional atua na intersecção entre diferentes campos de conhecimento e poder, mediando as relações entre carnavalescos, diretoria, comunidade e demais atores envolvidos na produção do carnaval. O trabalho envolve

[2] No Grupo Especial carioca, os nove quesitos de julgamento são Bateria, Samba-Enredo, Harmonia, Evolução, Enredo, Alegorias e Adereços, Fantasias, Comissão de Frente e Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

> não apenas pesquisa histórica e documental, mas também articulação política e sensibilidade para navegar entre as diferentes perspectivas e lógicas presentes nesse universo. (Paz, 2025 p. 1)

No contexto atual do carnaval carioca a apresentação do enredo do carnaval por uma agremiação, uma etapa central no processo de construção de um desfile, ocorre em duas etapas: o lançamento do enredo e a apresentação da sinopse. Interligadas, a primeira tem como o principal foco a divulgação do tema em uma espécie de imersão inicial feita a partir da divulgação do título do enredo e de elementos visuais, e a segunda aprofunda o que foi visto na anterior, trazendo a narratividade e a discursividade do enredo através da veiculação de sua sinopse.

Assim, o enredo da Portela para o carnaval de 2025 foi anunciado em 4 de abril de 2024 em um telejornal local da TV Globo, o "RJ1". A reportagem, que divulgou o tema – Milton Nascimento – e o título do enredo da escola – "Cantar será buscar o caminho que vai dar no sol" –, narrou uma carta do cantor em agradecimento pela homenagem e também apresentou um trecho do vídeo de divulgação do enredo produzido pela agremiação, o seu *teaser-enredo*, que segundo Dias *et al* (2024, p. 8): "são definidos como vídeos-síntese, semelhantes a teasers, que exibem e ilustram de forma audiovisual o enredo que a escola de samba pretende levar à avenida no desfile oficial".

Minutos após a divulgação do enredo no telejornal, a Portela realizou diversos *posts* em seu *Instagram* em torno desse anúncio. O primeiro com o *teaser-enredo* completo que, com 4:08 minutos de duração, foi publicado no *Instagram* em colaboração com o perfil de Milton Nascimento, no canal do *Youtube* da agremiação e em sua página no *Facebook*. Já o segundo, uma publicação colaborativa com os carnavalescos Antônio Gonzaga e André Rodrigues, trazia uma foto de Nilo Sérgio, mestre de bateria da agremiação, vestido com o logotipo do enredo, divulgado de forma completa no terceiro *post* da agremiação. Ainda como abordado por Dias *et al* (2024, p. 7), o logo do enredo "é uma síntese visual que, com meses de antecedência, antes do desenvolvimento mais detalhado pela agremiação, busca-se representar visualmente conceitos que, no início do processo de criação do desfile, ainda são abstratos".

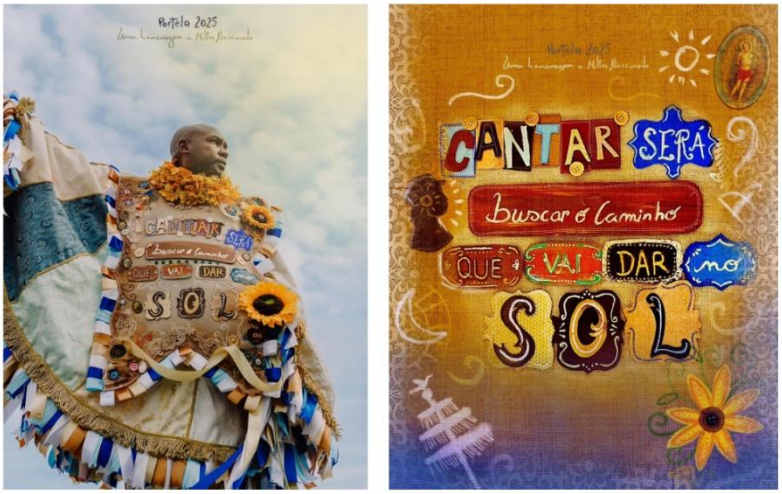


Figura 1: Divulgação visual e logotipo do enredo da Portela para o carnaval de 2025
Fonte: Perfil oficial do G.R.E.S. Portela no Instagram (2024).

As duas primeiras publicações da Portela fazem a apresentação da ideia central do enredo, a procissão. Enquanto a foto traz na legenda o conceito que perpassa a homenagem, o *teaser-enredo* mostra personalidades da agremiação vestindo roupas e se encontrando na quadra da escola com adereços nas mãos sob a narração de um texto que traz um pequeno resumo do seu conceito. Já a terceira publicação no Instagram, focada na logo, destaca em sua legenda o ineditismo do enredo para a escola: pela primeira vez faria uma homenagem a uma personalidade viva. A legenda, que também foi também foi utilizada no post no *X*, já menciona a sinopse do enredo.

Na plataforma Facebook, onde também houve a publicação do *teaser-enredo*, o post que apresenta a logo, apesar de ser iniciado com a mesma legenda das outras redes sociais, acrescenta novas informações. Como uma espécie de *release*, a publicação apresenta as aspas de diversas figuras sobre o tema da escola – do próprio homenageado, dos carnavalescos e do presidente da Portela. Para além das reações, que apresentam entre outras informações a forma como o enredo foi escolhido e a sua relevância para o carnaval, há um texto destacado como "defesa do enredo" – o mesmo que é narrado no *teaser-enredo*:

> Para o cortejo de 2025, voltamos para lhes trazer uma ideia: a de atravessar esse país em uma procissão, uma caravana, uma cruzada, como quiserem; apontados pela Águia, de pé no chão, sandália, o que for, de mãos dadas ou braços abertos cantando e buscando o caminho que vai rumo ao altar do sol, onde nos encanta a voz de Deus. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, todo o povo irá onde seu artista está, nos rastros desse canto tão sublime. No caminho contrário dos vibratos do seu som, caminhando contra o vento, seguindo sua origem, os ecos das montanhas das Geraes, a grande riqueza da Minas, respeitando seus 81 anos de estrada, vamos ao encontro de todas as vozes de Milton Nascimento, este que fala a língua do povo como ninguém fala mais. (G.R.E.S PORTELA, 2024)

A seção de comentários das publicações realizadas pela Portela em todas as suas redes sociais oficiais – *Instagram, Facebook, X e Youtube* – apresenta, de maneira geral, comentários positivos sobre a escolha de Milton Nascimento como o tema do enredo da escola. Entre eles, há os que destacam a emoção pelo anúncio da escola, o merecimento do artista em ser homenageado, junto da grandeza e a beleza do enredo, e a torcida pelo sucesso da agremiação em seu desfile. O mesmo tom de comentários se dá nas publicações de contas que não são dedicadas diretamente à cobertura do carnaval das escolas de samba, como no perfil do *Instagram* "O Globo", com coberturas jornalísticas e do perfil "Africazine", sobre negritude no *X*. Tom visto também no perfil de Milton Nascimento no *Instagram* em que, felicitado pelos fãs e seguidores pela homenagem recebida em uma publicação que traz o teaser-enredo completo da Portela, agradece a oportunidade dada pela agremiação:

> É com muita emoção que aceitei o convite da Portela para que a minha história seja retratada no maior espetáculo da terra. Em 2025, o tema dessa gigante será "Milton Nascimento". Que honra ser homenageado pela escola com mais títulos na história, a Majestade do Samba! Vejo vocês na avenida! "A nossa

> procissão sai de Madureira, e é a estrada que vai fazer o sonho acontecer!" (Nascimento, 2024)

Já os comentários negativos nos *posts* da Portela, minoria nas publicações aqui analisadas, mas concentrados majoritariamente na plataforma *Facebook*, giram em torno do risco de enredos do tipo homenagem no carnaval e da falta de características do enredo com a Portela. Esses últimos, ora ressaltam a falta de vínculo de Milton Nascimento com a agremiação, ora sugerem que outros artistas, em sua maioria portelenses, deveriam ter sido o foco de uma homenagem da agremiação antes do cantor. Esses comentários são os semelhantes aos vistos no fórum de debates do site de carnaval "Galeria do Samba", o "Espaço Aberto", que é organizado através de tópicos abertos por usuários que recebem comentários de outros perfis cadastrados na plataforma. Lá, a recepção do enredo foi imediata – com o debate iniciado no mesmo minuto do anúncio televisivo – e estruturada a partir dos seguintes temas: a emoção e a relevância da homenagem, a falta de relação de Milton Nascimento com a Portela e a falta de ineditismo do cantor como tema de escola de samba[3].

Os laços de um enredo com o material humano da escola (Candeia Filho, 2023) não são um fato exigido pelo regulamento do concurso de desfiles de carnaval, mas, como visto, integram o conjunto de representações coletivas do mundo do carnaval e atuam como produtores de legitimidade simbólica durante a feitura de um desfile. Em outro lugar (Souza, 2024), analisando o desfile de 2024 da Portela, argumento que a criação de vínculos da escola de samba com o tema de um enredo, como base para o desenvolvimento de um carnaval, se dá por meio da emoção.

A ideia de que a emoção é capaz de produzir vínculos nesse contexto está diretamente relacionada à gramática emocional do carnaval, que concebe a emoção como um elemento que "faz coisas" durante o cortejo na Sapucaí: impulsiona o comportamento dos desfilantes, produz o engajamento do público nas arquibancadas e influencia o lançamento das notas pelos jurados. Dessa forma, formalmente ausente dos quesitos julgados na apuração da Quarta-Feira de Cinzas, a emoção é mobilizada como uma mola propulsora que possuiria a capacidade de fazer uma agremiação campeã do carnaval.

No enredo assinado pelo enredista Marcelo David Macedo e pelos carnavalescos Antonio Gonzaga e André Rodrigues, a vinculação emocional da celebração a Milton Nascimento é construída por meio da narrativa central do enredo e é vista desde a primeira etapa de divulgação de sua divulgação com o *teaser-enredo* e com a logo*,* que trouxe integrantes da agremiação como protagonistas das peças visuais. Como será visto na próxima seção desse artigo, essa vinculação emocional da agremiação com o seu enredo foi aprofundada na sinopse, a segunda etapa de apresentação do enredo.

3. A sinopse de carnaval

Após a primeira etapa de divulgação do enredo, concentrada no seu título e na imersão visual, a expectativa do mundo do carnaval se volta para a apresentação de um texto central para o desenvolvimento do desfile carnavalesco: a sinopse do enredo. Como destacado a partir da legenda de uma das publicações da Portela, a primeira etapa do

[3] Milton Nascimento foi homenageado no carnaval de 1989 pela escola de samba Unidos do Cabuçu, que na década de 1980 ficou conhecida como "a escola das homenagens". Para Therezinha Monte (2024, p.224), presidente da agremiação no período, a escola inovava desfilar com enredos "que homenageavam pessoas vivas, que podiam participar do desfile".

anúncio do enredo é interligada a essa segunda, pois já direciona para o lançamento da sinopse através da menção a sua data de divulgação, 11 de abril – dias após a revelação do tema e aniversário da agremiação.

A sinopse do enredo é um texto responsável por apresentar a sua narrativa ao mundo do carnaval. De forma mais aprofundada do que na revelação inicial, o texto descreve a estrutura narrativa do desfile e, em geral, traz a ordenação dos setores do cortejo. Isso porque a função essencial de uma sinopse é ser um texto base para que os compositores escrevam os seus sambas-enredo, obra que, assim, reproduz o seu espírito (Raymundo, 2012). Se antes as sinopses de enredo eram restritas unicamente a ala dos compositores de uma agremiação (Cavalcanti, 2006), hoje elas são plenamente difundidas e circulam para além dos poetas através da divulgação pelas próprias escolas de samba e pela mídia de carnaval nas plataformas digitais. De acordo com Mangabeira e Marques (2024):

> A sinopse é um texto literário, peça chave para o entendimento do enredo na temporada pré-carnaval, disponibilizada na mídia. A sinopse é a base, inclusive, para a feitura do samba-enredo, sendo um elemento, por princípio, central para que os compositores possam construir seus sambas sem destoar do proposto pela equipe criativa. A sinopse é o foco narrativo que estabelece a construção dos sentidos e a ordem dos desfiles. (Mangabeira; Marques, 2024 p. 41)

Em sua análise sobre os enredos das escolas de samba, Farias (2007) observa ao menos três tipos de tipologias textuais empregadas nas sinopses de enredo: descritivas, poéticas e narrativas com características poéticas. Cada uma delas busca, respectivamente, contar o enredo de forma didática, objetiva e cronológica; apresentar o enredo por meio de imagens e frases rimadas, sem compromisso com a objetividade e o didatismo; e utilizar tanto a narrativa quanto a poesia para transmitir a mensagem do enredo. Já Menezes e Bártolo (2019), apontam que, entre os diversos formatos de sinopse, vistas por eles como textos literários, destacam-se as em forma de poema, crônica, letra de música e narrativa cronológica.

As transformações vividas pelas escolas de samba do Rio de Janeiro desde a segunda metade da década de 2010 – a troca geracional do quadro de carnavalescos e a ascensão dos enredistas – fizeram com que o próprio mundo do carnaval popularizasse nos últimos anos o termo "sinopse acadêmica", em que os textos descritivos se assemelhariam a trabalhos acadêmicos com estrutura densa e fundamentação teórica e bibliográfica. Essa "nova tipologia" é, com frequência, rechaçada por aqueles que desenvolvem enredos de carnaval, que apontam que esse trabalho intelectual de pesquisa para a construção de um desfile (Paz, 2025) sempre existiu.

A sinopse do enredo "Cantar será o caminho que vai dar no sol", foi divulgada no aniversário de 101 anos da Portela em suas redes sociais como uma sequência de fotos padronizadas visualmente de acordo com a logo, produzindo também a aproximação visual do público com o enredo (Lemos et al., 2024). No *post*, as imagens do texto da sinopse foram acompanhadas de uma foto do mestre de bateria vestido com a logo do enredo e de uma foto que trazia o texto de defesa do enredo – ambos já citados anteriormente neste trabalho.



Figura 2: Divulgação da sinopse da Portela de 2025. Fonte: G.R.E.S. Portela (2024). Disponível em: https://www.gresportela.com.br/Enredo. Acesso em: 15 abr. 2026

Com um texto lírico e poético, e uma linguagem metafórica, musical e sensorial, a narratividade da sinopse apresenta uma cadência que possui um tom emocional, carregado de elementos simbólicos – o sol, a águia, o andor e o girassol. Esses elementos buscam, ao mesmo tempo, materializar a proposta do enredo e proporcionar a imersão do leitor na narrativa por meio do uso de diversas imagens e da presença de uma voz coletiva que descreve a jornada dos portelenses até o seu homenageado. O texto também se desenvolve com um caráter intertextual, evidenciado pelas múltiplas referências e citações a canções de Milton Nascimento.

O desfile de escola de samba é estruturado a partir de setores que, ordenados de forma sequencial, coerente e lógica, possuem alas de fantasias e carros alegóricos dentro de cada um deles que dialogam entre si para contar a narrativa proposta no enredo. A quantidade de setores é, em geral, atrelada à cronometragem do desfile já que, impiedosa (Cavalcanti, 2006), gera uma tensão para que todos os indivíduos e elementos de uma agremiação desfilem no tempo máximo estabelecido pela liga organizadora do concurso[4]. Assim, antecipando o que será visto no desfile, a sinopse portelense foi dividida em cinco setores, que podem ser compreendidos como seções ou até mesmo capítulos.

Enquanto o texto de defesa do enredo apresenta a procissão como ideia central da narrativa de maneira mais geral e resumida, as seções do texto da sinopse detalham a forma, o trajeto, os cenários, os momentos e situações dela. Para além disso, traz ainda os participantes da procissão, junto dos seus objetivos e dos objetos e pensamentos que carregaram em todo seu decorrer. É dessa forma que as seções da sinopse do enredo portelense descrevem um ciclo de 24 horas de estrada da procissão celebratória: iniciada

[4] De acordo com o regulamento da LIESA, o Rio Carnaval 2025 teve "como o tempo de duração do Desfile de cada Escola de Samba de, no mínimo, 70 (setenta) minutos e, no máximo, 80 (oitenta) minutos.": liesa.org.br/downloads/carnaval/regulamento-2025.pdf#page=10.06

em uma manhã, tendo como ponto de partida a quadra da Portela, termina apenas no amanhecer seguinte em Minas Gerais após passar uma tarde, uma noite e uma madrugada.

A sinopse da Portela torna evidente o caminho escolhido para a realização da homenagem a Milton Nascimento por parte da equipe criativa da escola: uma homenagem não biográfica. Isso porque o texto é restrito apenas a elementos da carreira artística do cantor, sem introduzir qualquer aspecto da sua vida pessoal. As referências aos temas das suas canções, bem como os nomes e versos de algumas músicas mostram que a procissão, do início ao fim como o fio-condutor de toda a narrativa, busca dar foco a obra musical de Milton Nascimento por meio da reflexão de tudo o que ela produziu e influenciou na identidade brasileira, dos efeitos que ela causou e quem ela afetou e impactou ao longo das suas décadas de carreira. Isso também fica claro em declarações dadas pelos carnavalescos André Rodrigues e Antônio Gonzaga durante o pré-carnaval e após o lançamento da sinopse do enredo (Marcelo, 2024):

> A gente procurou analisar o impacto do artista na vida das pessoas. Não nos interessa muito a vida pessoal do artista, mas sim entender e explicar a relevância dessa pessoa para os demais. Para explicar por que Milton Nascimento é enredo de uma escola do tamanho da Portela, investigamos o impacto das músicas, letras e melodias de Milton na vida das pessoas. Muitas pessoas têm músicas do Milton como parte da trilha sonora de suas vidas. Criamos esse caminho, essa romaria, essa andança das pessoas até ele para agradecerem por essa revolução que ele provoca ou pela forma como marca a vida delas. O enredo é basicamente isso, pessoas seguindo juntas e cantando muitas músicas de Milton Nascimento até chegar onde ele está. Hoje ele já é um cara de 80 e poucos anos e já saiu dos palcos. É a nossa vez de reverenciá-lo, a nossa vez de ir até onde ele está. – André Rodrigues

O enredo da Portela não é biográfico. Não vamos contar a vida de Milton Nascimento. Vamos entender que ele é a trilha sonora da vida dos brasileiros. É uma grande procissão que sai da Portela e vai até Três Pontas, em Minas Gerais, cantando essas músicas importantes para cada pessoa que está fazendo parte desse cortejo. – Antônio Gonzaga

Apesar de o desenvolvimento do enredo ser uma prerrogativa do carnavalesco de uma agremiação, junto de sua equipe criativa, como os enredistas, em minha dissertação (Souza, 2026), analisando a sinopse portelense, inferi que a escolha desse fio-condutor não biográfico e o desenvolvimento do enredo por meio da procissão foram concebidos como uma blindagem antecipada às críticas, já que, nessa primeira etapa de divulgação, todo o conceito do enredo já estava presente. Assim, pode-se pensar que, ao mesmo tempo em que essa narrativa buscou antecipar tais apontamentos, ela também não se mostrou eficaz, pois desde o início as críticas foram concentradas, como observado, na falta de ineditismo do enredo e na ausência de vínculo do cantor com a Portela.

4. Os documentos carnavalescos

Embora a sinopse traga apenas uma configuração inicial do enredo em virtude da sua amplitude (Mangabeira; Marques, 2024), carnavalescos como Leonardo Bora apontam que o processo de escrita da mesma não é dissociado da criação visual. Questionado em uma aula aberta promovida pelo coletivo Sambavivências (Bora, 2025), o profissional argumentou que os textos produzidos para o desenvolvimento de seus carnavais em parceria com Gabriel Haddad ao mesmo tempo que apresentam ferramentas poéticas para a feitura do samba-enredo, são textos visuais e sinestésicos que são criados com pensamento direcionado para as cores e texturas das formas do desfile de carnaval.

Se o potencial etnográfico dos enredos de carnaval já foi explorado através de suas múltiplas capacidades na avenida (Menezes; Bártolo, 2019), pouca atenção se deu ao texto que o origina e o apresenta ao mundo do carnaval, fazendo da sinopse de carnaval um gênero textual sem estudos solidificados (Paula, 2023). Assim, assume-se aqui que as sinopses descritivas de um enredo, tomadas como o primeiro documento de um ciclo carnavalesco de uma escola de samba, são artefatos etnográficos tão potentes quanto os seus desdobramentos durante a construção de um desfile de carnaval. Isso significa que, enquanto artefato etnográfico, elas são detentoras de um valor singular (Cunha, 2005) no contexto de pesquisa do carnaval, revelando as suas práticas de conhecimento e definindo a etnografia nesse universo (Ferreira; Lowenkron, 2020; Freire, 2022).

Ao etnografar a disputa de samba da Portela, objeto que originou este artigo, foi possível observar como a sinopse do enredo é mobilizada de diferentes formas ao longo do ciclo carnavalesco. Em certos momentos, como no lançamento do enredo, ela é utilizada como um instrumento analítico da qualidade da própria proposta temática da agremiação, servindo para que os criadores de conteúdo da bolha do carnaval nas redes sociais a escrutinem em *lives* que refletem as suas perspectivas de desdobramentos visuais e sonoros. Há ainda a mobilização da sinopse pelos portelenses a partir do momento em que os sambas concorrentes são publicados e as fases eliminatórias do concurso são iniciadas, quando esse artefato não é apenas empregado como um instrumento analítico, mas também como um legitimador qualitativo.

Aqui, a sinopse é produtora de tensões entre os próprios torcedores da escola de samba, já que é utilizada tanto para a defesa de um samba-enredo como para julgar um concorrente – respectivamente, como "bom" por abordar os elementos do documento e como "ruim" por não estabelecer relação com os seus tópicos. Nos grupos de *Whatsapp* de portelenses, espaços essenciais para o desenrolar da disputa por organizar e mobilizar torcedores, com frequência há, nos momentos que a sinopse é interpretada para avaliação dos concorrentes, conflitos entre os membros do grupo que causam o fechamento temporário dos mesmos para recebimento de novas mensagens com o objetivo de apaziguar o clima. Isso ocorre porque os torcedores das parcerias citadas inicialmente não somente se manifestam em defesa do seu samba-enredo predileto, como também apontam os defeitos da parceria daquele que iniciou os posicionamentos, gerando um conflito generalizado que, por vezes, resvala em ataques pessoais.

Ao considerar os textos que descrevem um enredo como documentos, busca-se aqui, como sugerido por Hull (2012), compreendê-los como objetos mediadores que "transformam, traduzem, deslocam, distorcem e modificam o sentido ou os elementos que eles supostamente carregam" (Latour, 2005, p. 39). Dessa forma, não se entende que esses textos sejam apenas parte de uma burocracia carnavalesca, reduzidos, como empregado na literatura, a instrumentos meramente descritivos do enredo de uma escola de samba para a

composição do samba-enredo e aprofundamento temático do mundo do carnaval. Como documentos, as sinopses de enredo são compreendidas como textos constitutivos de ideologias, conhecimentos, práticas e subjetividades (Hull, 2012), operando tanto no interior das dinâmicas carnavalescas quanto para além delas.

Sendo difundidas de diferentes maneiras na internet – em publicações nas redes sociais e postagens em sites e blogs – as sinopses carnavalescas, como documentos, apresentam as características apontadas por Barbara Moraes (2023) em relação a documentos de arquivos digitais: a dispersão e a necessidade de conhecimento prévio para a sua identificação. Nesse cenário, um outro documento produzido para o desfile de carnaval desponta não apenas como um indexador das sinopses de enredo, mas também como um outro artefato etnográfico das escolas de samba: o livro Abre-Alas, disponível *online* e no Centro de Memória da LIESA.

Assumido pela liga como o documento mais importante do carnaval, o livro Abre-Alas é o arquivo oficial do ciclo carnavalesco de uma agremiação por reunir e indexar múltiplas informações sobre o desfile. Utilizado pela primeira vez no carnaval de 1988, o livro Abre-Alas recebeu, em 2025, o registro ISBN, o padrão internacional de numeração de livros, transformando-o de uma apostila sem ficha catalográfica em – segundo integrantes da própria entidade – um documento que reconhece e legitima as páginas produzidas pelas agremiações como parte do acervo oficial da cultura brasileira, permitindo a preservação dos saberes, práticas e memórias das escolas de samba.

Tal como as sinopses de enredo, o estilo textual do livro Abre-Alas pode assumir múltiplas formas. Em geral, o estilo de construção dos textos encontrados no Abre-Alas acompanham as tipologias textuais já empregadas anteriormente na sinopse – descritivas, narrativas e poéticas. No caso do desfile da Portela analisado neste trabalho, parte dos textos das seções foram atrelados a narrativa da procissão desenvolvida no enredo e tiveram um texto a parte que apresentava a informação necessária de forma mais direta. É o caso dos textos explicativos do livro abre-alas referentes à última alegoria do desfile portelense – o carro que trouxe o grande homenageado do enredo, Milton Nascimento:

> E chegaram até ele. O santo preto e solar, encantado, magistral. O milagre da música brasileira, o radioso herói de uma gente que se lançou à travessia e alcançou o sonho magnífico. Ao cumprir o destino de toda uma vida, o povo andarilho tinha diante de si a suntuosidade do Sol negro, que resplandecia para a multidão num trono, interiorano, que o fazia ainda mais imponente. Milton Nascimento, a voz de Deus, era festejado, adornado por anjos negros e enfeitado pela luz que irradiava de sua própria existência e alcançava até onde a vista podia ver. O próprio sol, a estrela do céu, pôs-se curioso para ver o brilho de Milton, o Sol da Portela. É canto de alegria no ar e nos alvoroçados corações que batiam como os tambores daquela festança, o grande carnaval da vida de um mar de peregrinos. A profecia se cumpriu: desfilando triunfal, a Portela chegou à morada do Sol.
>
> A última alegoria da romaria portelense que contou a saga do povo que marchou até seu ídolo apresenta seu grande homenageado em seu trono. As referências se misturam entre o barroco mineiro, as fitas e as bandeiras dos folguedos do

> interior, que também são referências para a musicalidade de Bituca. O altar também revela a figura do sol, ícone da narrativa do desfile. (LIESA, 2025, p. 29)

De acordo com a liga, o livro é essencial para a realização dos desfiles das escolas de samba, já que orienta e baseia a avaliação dos jurados do carnaval – grupo que recebe o livro impresso dias antes dos cortejos. Segundo o Manual do Julgador da LIESA para o carnaval de 2025, dois quesitos, entre os nove avaliados, deveriam ser julgados diretamente com base nas informações contidas no livro Abre-Alas: "enredo" e "alegorias e adereços". Assim, sendo também um roteiro do desfile, o livro Abre-Alas apresenta ainda o organograma do cortejo, ou seja, a ordem das alas e alegorias da escola de samba e a posição de seus destaques, como o casal de mestre-sala e porta-bandeira e de musas e rainhas de bateria, dentro do desfile. No quesito enredo, um dos quesitos que tem como base de julgamento o livro Abre-Alas, tem como critérios de penalização, ou seja, de descontos de pontos:

> • a falta de Alegorias, Tripés ou Alas que estejam previstas no Roteiro fornecido pela Escola (Livro Abre-Alas);
> • a presença, em desfile, de Alegorias, Tripés ou Alas, que não estejam previstas no Roteiro fornecido pela Escola;
> • a troca de ordem, em desfile, de Alegorias, Tripés ou Alas em desacordo no Roteiro fornecido pela Escola (Livro Abre-Alas) se, para o Julgador, resultar em prejuízo para o entendimento da narrativa apresentada;
> • a ausência ou inclusão, em Desfile, de integrantes (destaques de chão, destaques de alegorias, Tripés e etc.) em desacordo com o Roteiro fornecido pela Escola (Livro Abre Alas) se, para o Julgador, resultar em prejuízo para o entendimento da narrativa apresentada. (LIESA, 2025, p. 57)

É dessa forma que, se a forma de escrita é uma escolha livre dos carnavalescos e dos enredistas das escolas de samba, a sua organização exige tanto um padrão de diagramação seguido por todas as agremiações que participam do concurso de carnaval, como também um padrão sobre quais informações devem constar ao longo de suas páginas. Previstas nas alíneas de artigos do regulamento da LIESA para os desfiles do Grupo Especial, essas exigências informacionais revelam, assim, questões sobre o ato de documentar o carnaval em múltiplos sentidos: tanto o que esse ato significa e produz nesse contexto (Ferreira; Lowenkron, 2020), quanto como contribui para sua organização e ordenação (Onto, 2020).



Figura 3: Roteiro e organograma do desfile da Portela no Livro Abre-Alas de 2025
Fonte: LIESA (2025, p. 18-19)

Ao estabelecer quais informações devem ser registradas e como devem ser organizadas, o regulamento impõe ao livro abre-alas um regime de falas e de silêncio (Vianna, 2014) que não apenas padroniza sua produção, mas também molda as formas possíveis de narrar, ordenar e lembrar um desfile. Assim, o ato de documentar o carnaval não se limita a compilar os dados e informações de um cortejo, mas participa ativamente da construção do que pode ser arquivado, acessado e reinscrito no tempo, por meio de suas convenções de escrita que delimitam os saberes e moldam o que pode ser registrado (Ferreira; Lowenkron, 2020; Stoler, 2009). Mais do que descrever o desfile, o livro abre-alas participa de sua própria produção documental, conferindo inteligibilidade, permanência e legitimidade a determinados aspectos da apresentação em detrimento de outros. Nessa perspectiva, os documentos carnavalescos podem ser compreendidos não como simples intermediários das informações do desfile, mas como mediadores capazes de organizar, traduzir e estabilizar determinadas formas de conhecimento sobre a escola de samba e sua apresentação.

Em cada uma de suas seções, o livro abre-alas de uma escola de samba apresenta o detalhamento dos significados de alegorias e fantasias – como no trecho destacado da última alegoria –, acompanhados de seus croquis, da defesa do samba-enredo verso a verso, da explicação da coreografia da comissão de frente, do detalhamento dos toques e batidas da bateria e, por fim, dos nomes das personalidades, funcionários da escola e convidados considerados ilustres que participam do desfile. Como registrado por Paz (2025, p. 12), o livro Abre-Alas articula aspectos técnicos e conceituais com fundamentação histórica e cultural em uma narrativa coesa que busca embasar o enredo do carnaval, o que "inclui extensa bibliografia, registro das pesquisas de campo realizadas, documentação iconográfica e justificativa das interpretações propostas". Cada livro Abre-Alas possui as seguintes seções:

> Os itens em questão são: 1) Ficha Técnica do Enredo; 2) Histórico do Enredo (Sinopse); 3) Justificativa do Enredo; 4) Roteiro do Desfile; 5) Ficha Técnica das Alegorias; 6) Ficha Técnica das Fantasias; 7) Ficha Técnica do Samba-Enredo; 8) Ficha Técnica da Bateria; 9) Ficha Técnica da Harmonia; 10) Ficha Técnica da Evolução 11) Ficha Técnica da Comissão de Frente 12) Ficha Técnica do Casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira. (BÁRTOLO, 2018 p. 23)

Respondendo a um comentário em uma rede social que sugeriu que uma de suas fantasias para o carnaval não fossem desmanchadas e sim colocadas em um museu, o carnavalesco Leandro Vieira assinalou: "o bonito do carnaval é saber que tudo isso é efêmero e finito num breve espaço de tempo!". Se suas performances no Sambódromo da Marquês de Sapucaí são efêmeras, tendo os arcos da Apoteose como marco de sua finitude, os documentos carnavalescos podem ser vistos, em um primeiro momento, a luz de Phelan (1993 p. 146): um incentivo para que a memória tente se fazer presente. Assim, a partir dos seus próprios artefatos etnográficos, as escolas de samba fazem os seus desfiles se aproximarem da tensão histórica entre arquivo e repertório discutida e explorada por Diana Taylor (2013): constituído pela efemeridade e vistos como não reproduzíveis, como o conhecimento dos repertórios performáticos se perpetuam e são transmitidos?

Para a liga organizadora dos desfiles do carnaval do Rio de Janeiro, essa é a função do livro Abre-Alas. No prólogo do exemplar dos desfiles da terça-feira de carnaval, dia em que a Portela desfilou homenageando Milton Nascimento, há dois textos introdutórios que pela primeira vez apareceram no artefato carnavalesco, que buscaram reafirmar esse papel. O primeiro é de Gabriel David, presidente da LIESA, em que descreve o livro como um documento histórico e um registro do Brasil que preserva a memória do espetáculo único que é o carnaval das escolas de samba. Na sequência, Fernando Araújo (2025 p. 6), membro do departamento cultural da entidade, assinala que "o livro serve como um elo vital entre o efêmero e o perene, entre a performance e o estudo, contribuindo decisivamente para a construção de um patrimônio imaterial que se renova a cada ano". Ainda de acordo com o antropólogo:

> Com seus detalhes que formam e explicam o cortejo, o livro revela as nuances do espetáculo. Imagens de croquis, fontes bibliográficas consultadas e descrições minuciosas de fantasias, além da construção lírica e rítmica dos sambas, são a essência do desfile. Esse espetáculo não se esgota no momento da apresentação, mas é registrado, analisado e perpetuado na literatura do carnaval, da qual o livro Abre-Alas é um exemplar fundamental. (Araújo, 2025, p. 6)

É nesse sentido que os documentos do carnaval, quando arquivados, se constituem como *surrogates* de uma performance, categoria que Zeitlyn (2012) sugere para materiais arquivísticos. Para o autor, arquivos operam como uma espécie de orfanato que guarda vestígios de performances desaparecidas, oferecendo traços que sobrevivem ao desaparecimento do evento. Esses materiais não reproduzem a performance, mas assumem o seu lugar após a sua dissipação, permitindo que algo de sua presença seja reinscrito, reinterpretado ou reativado em outros contextos temporais. Assim, sinopse e livro Abre-Alas são um substituto que ocupa o lugar da performance que o originou.

Como documento oficial do ciclo carnavalesco de uma escola de samba, o livro abre-alas, embora jamais possa captar plenamente ou reproduzir o que aconteceu ao vivo (Taylor, 2013) no Sambódromo, oferece uma versão parcial dessa efemeridade performativa, registrando as intenções estéticas, as escolhas narrativas e as visualidades que surpreenderam e maravilharam a Passarela do Samba (Cavalcanti, 2012), mas que desapareceram com o fim do desfile. Indexando os elementos de um desfile – da sinopse às justificativas do samba-enredo, das alegorias até fantasias – o livro abre-alas, como um valioso arquivo histórico das agremiações (Paz, 2025) se concretiza como um artefato etnográfico carregado de dimensões estéticas, afetivas e semióticas (Hull, 2012) inseparáveis dos seus contextos de produção. Seus textos não são apenas uma coleção de itens do passado (Azoulay, 2017), mas sim um caminho para a descoberta de tradições literárias, fontes e influências (Taylor, 2013) que perpassaram a construção de um desfile de carnaval.

É valido ressaltar que em um período anterior a instituição do livro Abre-Alas, as agremiações carnavalescas produziam outros dois documentos contendo as informações dos seus carnavais que podem ser vistos aqui como precursores do formato. Na década de 1960, surgiram livretos de carnaval produzidos pelas escolas de samba de grande porte (Pereira Júnior, 2012) contendo informações tanto sobre o desfile quanto o processo de produção deles. Tais revistas, ainda produzidas por algumas agremiações atualmente, circulavam antes do período do carnaval e tinham como público indivíduos presentes em suas quadras e também os que passavam nos locais de desfile, buscando não apenas divulgar informações dos seus desfiles, mas também de seus projetos e iniciativas. Como pode-se observar em uma revista de 1976 da Portela[5], há além da descrição e bibliografia do desfile, informações sobre o seu processo de construção e também a trajetória da escola, destacando seus carnavais anteriores e a história de seus personagens centrais, e notícias importantes daquele ano.



FICHA TÉCNICA

1) ENREDO:
a) Autoria – Departamento de Carnaval
b) Texto e Desenvolvimento – Hiram Araújo
c) Pesquisa – Mauricio de Assis e João Ramos Pacheco

2) FIGURINOS – ALEGORIAS – ADEREÇOS
Yvonne Ottoni

3) PLANEJAMENTO: Comissão de Carnaval
d) Hiram Araújo
Yvonne Ottoni
João Ramos Pacheco
Paulinho do Harmonia
Deuderth
Mauricio Amorim
Pedro
Toninho
Ismael
Aluizio
Nilton
Adilson
Carlos Lemos
Pedrinelas
Nevio
Walther
Expedito
Pedro Paulo
Ido

RESUMO

1ª Parte: O IMPÉRIO dos ARUANS

Há milênios e milênios atrás os Aruans, completando uma caminhada migratória fantástica, chegaram a MARAJÓ. De onde vieram, discute-se. Para uns partiram de outro continente. Da Ásia, se supõe. Navegando pelo Oceano Pacífico. Ou atravessando por terra o Estreito de Behring. Para outros saíram do próprio continente americano. Do Peru, do México ou da América do Norte.

O certo é que, em tempos imemoriais, chegaram à Ilha de Marajó e deitaram raízes. Quando desapareceram, também não se pode precisar quando, deixaram enterrados em Pacoval um tesouro, os restos arqueológicos e um legado à arte Marajoara.

No desenvolvimento do enredo mostramos a história daquele povo maravilhoso, culturalmente evoluído, suas divisões tribais, suas crenças, seus costumes. As alas representam as tribos, cujos nomes refletem os acidentes geográficos onde se localizavam. Os destaques, as autoridades, as divindades. Assim veremos: o Deus-Sol, criador de naturezas; a Deusa Iomi, a deusa-mãe-terra, ministradora da fertilidade, dos campos, dos animais e dos homens; Ataúm, supremo governante, o último imperador dos Aruans; a lara que canta e seduz nos lagos e igapós.

2ª PARTE: A INVASÃO

Nessa parte procuramos mostrar o período predatório da Ilha. Marajó exerceu uma fascinação, um encanto todo particular. Correram lendas de existência de riquezas e tesouros em suas terras. Contavam-na como um verdadeiro eldorado. Por isso aportaram em suas terras franceses, ingleses, espanhóis e holandeses, mesmo antes da colonização portuguesa.

Os destaques representam os almirantes das diversas nacionalidades em suas naus. As alas de marinheiros e piratas. E também os nativos da Ilha, os indígenas.

3ª PARTE: A COLONIZAÇÃO

É a história da colonização portuguesa. Os destaques representam: El Rei Afonso VI, que dividiu a Ilha em donatários. Nobres e damas que contribuíram para o progresso da Ilha como Dona Micaela Arcanjo Ferreira, a primeira mulher possuíra da Ilha, Dona Catarina de Palma, mulher de rara beleza e que grande impulso deu a Breves. As alas fantasiam a corte, a guarda de honra, os escravos que foram introduzidos na Ilha para o trabalho braçal.

4ª PARTE: MARAJÓ DE HOJE

É o apílogo. A terra fértil, de flora e fauna riquíssimas. Das plantações e das criações de gado. Dos tipos regionais e dos folguedos típicos como o Boi-Bumbá. Alas e destaques simbolizam todo esse sincretismo maravilhoso, dos Aruans, dos brancos e dos negros.

A porocroca fantástica e os tótfalos bem característicos da Ilha vêm representados na abertura do tema. Alegorias e adereços procuram fixar pontos básicos do enredo, principalmente no que se refere à arte marajoara.

4 PORTELA 76



A ESCOLA DE SAMBA

De repente como num passe de mágica, a Escola surge pronta, acabada lá na boca da Avenida. Aos poucos enche a pista, arrancando aplausos. O público declina. Se levanta. Tenta acompanhar a música, em geral já conhecida pela divulgação dos rádios e televisões. Samba exprimido nas arquibancadas.

Quando menos se espera, ela vai-se embora. Desaparece deixando saudades. Pra que tanta pressa?

É isso aí a Escola de Samba. Bacana, paca. Definí-la? É difícil. O melhor é apenas sentí-la.

O que se viu jamais se repetirá.

O que aos olhos do grande público parece sair do nada é fruto de um trabalho que dura quase os 365 dias do ano.

Mal termina o carnaval começam os preparativos.

O ENREDO

O primeiro passo é a infinição do enredo. Enredo é a história que a escola desenvolve. Antigamente os temas versavam sobre fatos da história do Brasil exclusivamente.

A partir da década de 60 os temas passaram a abordar fatos brasileiros gerais como lendas, folclore, histórias, etc.

O regulamento não permite que se fale de assuntos que não sejam exclusivamente brasileiros.

Cada escola tem sua maneira de escolher o enredo. Algumas seguem o modelo padrão, isto é abre concorrência dos enredos. Os interessados encaminham seus temas à diretoria e esperam a definição.

Outras deixam a cargo do responsável pelo carnaval (o chamado carnavalesco) a tarefa de definir o enredo.

Uma vez escolhido o enredo passe-se à seleção do samba-de-enredo.

O samba-de-enredo.

O Departamento de carnaval ou cultural convoca o Departamento musical ou Ala de Compositores e entrega a sinopse (síntese escrita do enredo). Geralmente isso acontece no mês de junho ou julho.

Após o prazo de 30 a 60 dias os sambas são recolhidos.

Samba-se-enredo é um gênero musical criado na Escola de Samba, no qual o compositor faz o samba baseado no enredo que a Escola vai apresentar.

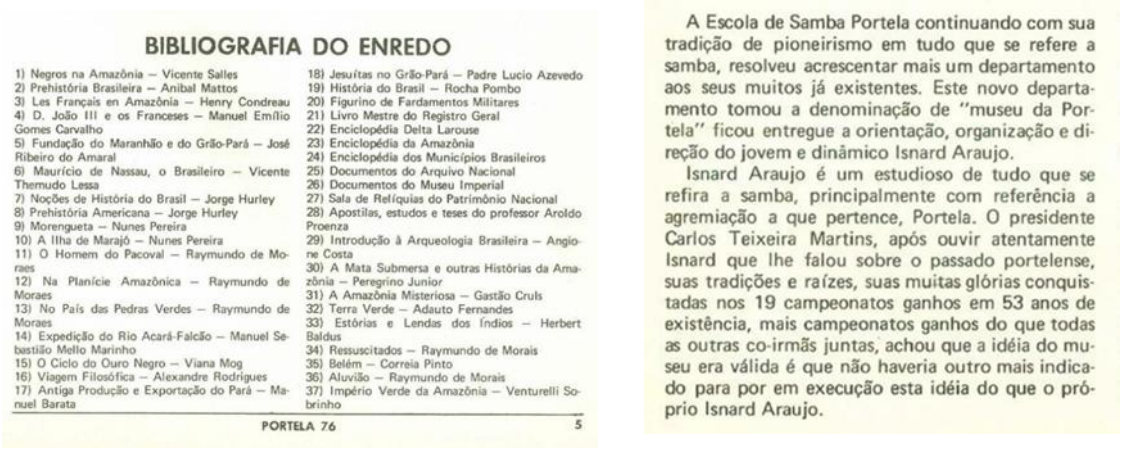
O samba-de-enredo portanto, deve ser um espelho do que a escola está apresentando. Antigamente os sambas-de-enredos eram muito grande, quilométricos mesmos – 50, 60 versos. Havia uma preocupação de escrever detalhadamente o tema.

Hoje com a necessidade da comunicação eles são menores, de desenhos melódicos mais criativos.

A escolha do samba-de-enredo é feita em geral na primeira quinzena de novembro.

PORTELA 76 25

[5] Como apontado por Pereira Junior (2021), os exemplares de revistas pertencem a coleções particulares de interessados por carnaval, com algumas edições disponíveis no Centro de Memória da Liesa e também na internet, como a da Portela: https://issuu.com/marcelooreilly/stacks/b13e33c9437f41b79ed072327fc72564



BIBLIOGRAFIA DO ENREDO

1) Negros na Amazônia — Vicente Salles
2) Prehistória Brasileira — Anibal Mattos
3) Les Français en Amazônia — Henry Condreau
4) D. João III e os Franceses — Manuel Emílio Gomes Carvalho
5) Fundação do Maranhão e do Grão-Pará — José Ribeiro do Amaral
6) Maurício de Nassau, o Brasileiro — Vicente Themudo Lessa
7) Noções de História do Brasil — Jorge Hurley
8) Prehistória Americana — Jorge Hurley
9) Morengueta — Nunes Pereira
10) A Ilha de Marajó — Nunes Pereira
11) O Homem do Pacoval — Raymundo de Moraes
12) Na Planície Amazônica — Raymundo de Moraes
13) No País das Pedras Verdes — Raymundo de Moraes
14) Expedição do Rio Acará-Falcão — Manuel Sebastião Mello Marinho
15) O Ciclo do Ouro Negro — Viana Mog
16) Viagem Filosófica — Alexandre Rodrigues
17) Antiga Produção e Exportação do Pará — Manuel Barata
18) Jesuítas no Grão-Pará — Padre Lucio Azevedo
19) História do Brasil — Rocha Pombo
20) Figurino de Fardamentos Militares
21) Livro Mestre do Registro Geral
22) Enciclopédia Delta Larouse
23) Enciclopédia da Amazônia
24) Enciclopédia dos Municípios Brasileiros
25) Documentos do Arquivo Nacional
26) Documentos do Museu Imperial
27) Sala de Relíquias do Patrimônio Nacional
28) Apostilas, estudos e teses do professor Aroldo Proenza
29) Introdução à Arqueologia Brasileira — Angione Costa
30) A Mata Submersa e outras Histórias da Amazônia — Peregrino Junior
31) A Amazônia Misteriosa — Gastão Cruls
32) Terra Verde — Adauto Fernandes
33) Estórias e Lendas dos Índios — Herbert Baldus
34) Ressuscitados — Raymundo de Morais
35) Belém — Correia Pinto
36) Aluvião — Raymundo de Morais
37) Império Verde da Amazônia — Venturelli Sobrinho

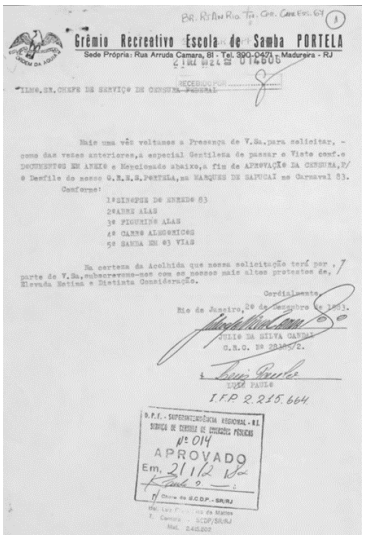
PORTELA 76 5

A Escola de Samba Portela continuando com sua tradição de pioneirismo em tudo que se refere a samba, resolveu acrescentar mais um departamento aos seus muitos já existentes. Este novo departamento tomou a denominação de "museu da Portela" ficou entregue a orientação, organização e direção do jovem e dinâmico Isnard Araujo.

Isnard Araujo é um estudioso de tudo que se refira a samba, principalmente com referência a agremiação a que pertence, Portela. O presidente Carlos Teixeira Martins, após ouvir atentamente Isnard que lhe falou sobre o passado portelense, suas tradições e raízes, suas muitas glórias conquistadas nos 19 campeonatos ganhos em 53 anos de existência, mais campeonatos ganhos do que todas as outras co-irmãs juntas, achou que a idéia do museu era válida é que não haveria outro mais indicado para por em execução esta idéia do que o próprio Isnard Araujo.

Figura 4: Páginas da revista da Portela do carnaval de 1976
Fonte: Revista da Portela (1976, apud Portal Academia do Samba / Issuu, 2018). Disponível em: https://issuu.com/marcelooreilly/docs/portela-1976. Acesso em: 28 mai. 2026.

Há também, a partir do golpe militar, a produção de documentos para a censura federal da ditadura brasileira. Isso porque entre 1964 e 1985, como assinala Cruz (2010 p. 58), houve um "controle rigoroso das fantasias, alegorias, letras de sambas enredos e regras para a liberação e participação destas nos desfiles de carnaval carioca". Assim, em documentos disponíveis no Arquivo Nacional desde 1992[6], também é possível ver tópicos que são presentes no Abre-Alas, como a descrição do enredo, a setorização do desfile e croquis de alegorias e fantasias. Se o livro das agremiações hoje tem como um dos seus objetivos ser a base do julgamento da apuração das notas, com esse documento as escolas de samba buscavam permissão para que o seu próprio cortejo pudesse transcorrer.



Grêmio Recreativo Escola de Samba PORTELA
Sede Própria: Rua Arruda Camara, 81 - Tel. 390-0471 - Madureira - RJ

APROVADO
Em 21/12/83

Figura 5: Requerimento de aprovação prévia do desfile de 1983 da Portela submetido à Censura Federal Fonte: Fundo Divisão de Censura de Diversões Públicas, Arquivo Nacional (2015).

[6] Revelados documentos inéditos do carnaval carioca retidos pela ditadura militar: https://oglobo.globo.com/cultura/revelados-documentos-ineditos-do-carnaval-carioca-retidos-pela-ditadura-militar-15347540

A capa do documento do desfile de 1983 da Portela, contendo um pedido de solicitação formal de aprovação[7], mostra que o seu papel não é restrito a apenas um instrumento de organizações burocráticas (Hull, 2012) já que, produzindo fronteiras e limitações sobre o comportamento e a realização de práticas de cultura, regula o que pode ser "desfilado" na Passarela do Samba a partir da aprovação ou não pelo chefe do setor de censura de cada elemento de um cortejo carnavalesco meses antes de sua realização.

Dessa forma, os artefatos etnográficos das agremiações, dos documentos pré-carnaval ao próprio desfile, que por serem produzidos pelo corpo social das escolas se traduzem como letramentos carnavalescos (Martins 2023), para além de preservar a efemeridade intrínseca dos desfiles das escolas de samba e de fazer com que os seus conhecimentos sejam transmitidos, trazem questões que vão além dos portões do Sambódromo e jogam luz sobre os contextos sociais, as relações de poder e todo o sistema de discursividade do momento de seus enredos.

5. Considerações finais

O Sambódromo da Marquês de Sapucaí é palco dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro desde o carnaval de 1984. Construído em cerca de quatro meses, em mais de 40 anos como a "Passarela do Samba" assistiu passar pelos seus 700 metros de avenida uma imensidão de histórias a partir dos enredos das agremiações carnavalescas. De brasilidades a alimentos, de homenagens a personalidades e delírios viajantes até manifestos que refletem a política do Brasil, os enredos carnavalescos ultrapassam os portões da pista de desfiles e se tornam pauta de discussão de uma nação. Desfilando para um público de mais 120 mil pessoas por dia de desfile do grupo especial e milhões de espectadores na televisão e na internet, as escolas de samba se responsabilizam por contar a história que a história não conta e dar luz, reconhecimento e visibilidade a quem construiu a cultura brasileira. Reafirmando o seu papel "escolar", ensinam um país inteiro sobre seus próprios fatos históricos e homens e mulheres que lutaram pela construção de um Brasil mais justo, solidário e livre.

Enxergar os documentos produzidos pelas escolas de samba como artefatos etnográficos permite compreendê-los para além de suas funções ao longo da Passarela do Samba. Se, de um lado, esse olhar aponta para a atividade antropológica nesse contexto, tomando os documentos do carnaval como práticas "nativas" de conhecimento, fundamentais para o trabalho de campo e para a pesquuisa etnográfica nas escolas de samba (Ferreira; Lowenkron, 2020; Freire, 2022), de outro, esse olhar joga luz para os documentos carnavalescos como produtores de agência do universo do carnaval. Assim, pode-se observar neles as negociações entre imaginação e normatização, memória e regulamentação, criação artística e administração institucional que estruturam a produção de um desfile.

[7] Texto da capa: "Mais uma vez voltamos à presença de V. Sa. para solicitar - como das vezes anteriores - a especial gentileza de passar o visto com os documentos em anexo e mencionados abaixo, a fim de aprovação da censura para o desfile do nosso G.R.E.S. Portela, na Marquês de Sapucaí, no Carnaval de 83. Conforme: 1º Sinopse de Enredo 83 2º Abre-Alas 3º Figurino das Alas 4º Carros Alegóricos 5º Samba em 03 vias. Na certeza da acolhida que nossa solicitação terá por parte de V. Sa., subscrevemo-nos com os nossos mais altos protestos de elevada estima e distinta consideração."

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Fernando. Livro Abre-Alas: a construção do saber a partir da arte popular. In: LIESA – LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA. *Abre-alas 2025: Terça de Carnaval*. Rio de Janeiro: LIESA, 2025.

AZOULAY, Ariella. Archive. *Political Concepts: A Critical Lexicon*, New York, 2017.

BÁRTOLO, Lucas. *O enredo de Cosme e Damião no carnaval carioca*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BÁRTOLO, Lucas. Arte, magia e reciclagem no carnaval carioca. In: MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Religião e materialidades*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.

BORA, Leonardo Augusto. A arte da narrativa: entre a pesquisa, o desenho e o desfile. Encontro do Grupo de Estudos Sambavivências, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 4 dez. 2025. Divulgação em: Instagram: @sambavivencias, 28 nov. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DRncKzrD2G_/?img_index=1. Acesso em: 28 mai. 2026.

BORA, Leonardo Augusto. Arquivos, acervos e fragmentos carnavalescos. *Garrafa*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 59, p. 199–215, 2023.

BRUNO, Leonardo. Carnaval é pra quem tem o que dizer. *Extra Online*, Rio de Janeiro, 06 mar. 2019. Disponível em: . Acesso em: 21 abr. 2026.

CANDEIA FILHO, Antônio; ARAUJO, Isnard. *Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz*. 2. ed. Nova Iguaçu: Carnavalize, 2023.

CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lazuli Editora, 2011.

CAVALCANTI, Maria Laura. Os sentidos no espetáculo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 45, p. 37–78, 2002.

CAVALCANTI, Maria Laura. Formas do efêmero: as alegorias em performances rituais. *Ilha*, Florianópolis, v. 13, n. 1-2, p. 163–183, dez. 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CRUZ, Tamara Paola dos Santos. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos*. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 287-322, out. 2004. Disponível em: .

DIAS, Karina de Sousa; FERREIRA, Allexia de Pinho; LEMOS, Julianna de Carvalho; GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves. Carnaval, audiovisual e Pasolini. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN – P&D DESIGN, 15., 2024, Manaus. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design 2024*. Manaus, 2024.

FARIAS, Julio Cesar. *O enredo de escola de samba*. Rio de Janeiro: Litteris, 2007.

FERREIRA, Leticia; LOWENKRON, Laura. *Etnografia de documentos*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020.

FREIRE, Lucas de Magalhães. Indícios e registros da "realidade da crise": a pesquisa etnográfica com documentos e suas possibilidades. Etnografías Contemporáneas, v. 8, n. 15, p. 98-121, 2022.

G.R.E.S. PORTELA. Para o cortejo de 2025, voltamos para lhes trazer uma ideia... Rio de Janeiro, 4 abr. 2024. Facebook: @gresportela. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=649031884023561. Acesso em: 28 abr. 2026.

HULL, Matthew S. Documents and bureaucracy. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 41, p. 251–267, 2012.

LATOUR, Bruno. Drawing things together. In: *The Map Reader*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011.

LEMOS, Julianna de Carvalho; COUTO, Rita Maria de Souza; TILL, Joy Helena Worms. O enredo escolhido: a expansão das temáticas carnavalescas e a profissão do enredista. *Revista Digital do LAV*, v. 18, n. 1, p. e22/01–25, 2025. DOI:

LIESA – LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO. Livro Abre-Alas 2025: Terça-feira. Rio de Janeiro: LIESA, 2025. Disponível em: https://liesa.globo.com/memoria/livro-abre-alas. Acesso em: 28 mai. 2026.

LIESA – LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA. *Manual do Julgador: Carnaval 2025*. Rio de Janeiro: LIESA, 2025.

LIESA – LIGA INDEPENDENTE DAS ESCOLAS DE SAMBA. *Regulamento dos Desfiles das Escolas de Samba: Carnaval 2025*. Rio de Janeiro: LIESA, 2025.

MAGALHÃES, Rosa. *Fazendo Carnaval*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MANGABEIRA, Clark. Da Sapucaí, assombro holístico. *Policromias*, Rio de Janeiro, v. 5, 2020.

MANGABEIRA, Clark; MARQUES, Victor. O que é um enredo? *Policromias*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2024.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 576 p.

MARCELO, Maria Clara. Enredo para o Carnaval 2025 levará romaria portelense até Milton Nascimento, revelam carnavalescos. Carnavalesco, Rio de Janeiro, 22 jul. 2024. Disponível em: https://carnavalesco.com.br/enredo-para-o-carnaval-2025-levara-romaria-portelense-ate-milton-nascimento-revelam-carnavalescos/. Acesso em: 3 mai. 2026.

MARTINS, Danielle da Silva. "Foi nesse chão que me criei". 2023. 130 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UERJ, Rio de Janeiro, 2023.

MENEZES, Renata; BÁRTOLO, Lucas. Quando devoção e carnaval se encontram. *Proa*, Campinas, v. 9, n. 1, 2019.

MONTE, Therezinha. Alma de cabrocha. Folio Digital, Rio de Janeiro, 2024.

MORAES, Barbara. *Estatísticas parciais*. 2023. 120 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

NASCIMENTO, Milton. É com muita emoção que aceitei o convite da Portela... Rio de Janeiro, 4 abr. 2024. Instagram: @miltonbitucanascimento. Disponível em: https://www.instagram.com/reels/C5WGhDbuKQd/. Acesso em: 28 set. 2026.

ONTO, Gustavo. Documentando relações. In: FERREIRA, L.; LOWENKRON, L. (orgs.). *Etnografia de documentos*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2020.

PAULA, Célia Regina. *Para uma poética do samba-enredo.* 2023. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – UERJ, Rio de Janeiro, 2023.

PAZ, Sthefanye Silva. Uma antropóloga na escola de samba: pesquisa de enredo no carnaval carioca. Novos Debates, Brasília, v. 10, n. 2, 2025. DOI: https://doi.org/10.48006/2358-0097/V10N2.E102009

PAZ, Sthefanye Silva. *Enredos, funções e trabalhos: produção carnavalesca e práticas religiosas no barracão da Mangueira*. 2025. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025

PEREIRA JUNIOR, Walter da Silva. *Hiram Araújo e a institucionalização de acervos no Centro de Memória de Carnaval da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) – Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2021.

PHELAN, Peggy. The ontology of performance. In: PHELAN, Peggy. *Unmarked: the politics of performance*. London: Routledge, 1993.

RAYMUNDO, Jackson. *Samba-enredo: a canção de uma arte moderna*. Porto Alegre: Bestiário, 2012. 66 p.

REVISTA DA PORTELA. Edição: 1976. *Enredo: O Homem do Pacoval*. Rio de Janeiro: G.R.E.S. Portela, 29 fev. 1976. Digitalizado por: Portal Academia do Samba / Marcelo O'Reilly, 5 abr. 2018. Disponível em: https://issuu.com/marcelooreilly/docs/portela-1976. Acesso em: 28 mai. 2026.

RILES, Annelise. *Documents: artifacts of modern knowledge*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006.

SIMÕES, Guilherme da Silva. Quando a avenida se transforma em palco: performatividade e teatralidade nos desfiles das escolas de samba. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 112–132, 2019.

SOUZA, Carlos Antonio Nascimento de. "Saravá Kehinde!". CAOS, João Pessoa, v. 1, n. 32, 2024. DOI: https://doi.org/10.46906/caos.n32.69595.p69-86

SOUZA, Carlos Antonio Nascimento de. Um ritual em azul e branco: a disputa de samba-enredo da Portela para o carnaval 2025. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

STOLER, Ann Laura. Along the archival grain. Princeton: Princeton University Press, 2009.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIANNA, Adriana. Etnografando documentos. In: LIMA, A. C. S. (org.). *Antropologia das práticas de poder*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

ZEITLYN, David. Anthropology in and of the archives. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 41, p. 461–480, 2012.